

Entrevista com Padre Fernando Bastos d’D’Ávila,
fundador do Departamento de Sociologia e Política da
PUC-Rio, concedida em 28 de novembro de 2006 a
Sonia Giacomini e Eduardo Raposo

Eduardo Raposo: Padre D’Ávila, o senhor poderia nos falar um pouco da sua infância, de seus pais, do ambiente em que o senhor cresceu aqui no Rio de Janeiro, enfim, de seus primeiros momentos de vida.

Pe. D’Ávila: Eu era de uma família burguesa modesta, que tinha uma tradição de grande dignidade no setor do funcionalismo. Meu avô chamava-se Fernando Muniz Freire. Depois eu localizei Muniz Freire, é uma cidadezinha no limite do estado do Espírito Santo com o estado de Minas Gerais. Uma pequena cidadezinha. Talvez tenham visto que não havia recursos lá para progredir e migraram, vieram para o Rio de Janeiro. Meu avô Fernando, que era o chefe da família, veio e se estabeleceu. Naquele tempo o Rio de Janeiro era muito diferente do Rio atual. Eles se estabeleceram na chamada Rua Guimarães Cai-pora, hoje Rua Bolívar, em Copacabana. A casa era de dois andares, com uma escada na frente. Meu avô era Fernando por tradição. Seu filho mais velho, que era da Marinha, era Fernando Muniz Freire, e o neto mais velho, Fernando. Isso foi retomado agora no bis-neto, de Maria Lúcia.

Eduardo Raposo: Pelo lado paterno?

Pe. D’Ávila: Não, materno.

Eduardo Raposo: E a linha paterna?

Pe. D’Ávila: Papai era de uma família modesta de Petrópolis, de um bairro em que eu ia sempre passar férias, perto do Rio Piabanha. Naquele tempo ainda era um rio puro. Eu ia pescar lambari. Hoje está tudo contaminado. O bairro naquele tempo chamava-se Retiro.

Eduardo Raposo: É Retiro até hoje.

Pe. D’Ávila: Nesse bairro do Retiro havia um pequeno conventozinho que era cuidado por dominicanas e, curiosamente, a igreja era dedicada a São Tomás de Aquino, o

maior gênio do pensamento teológico. A igreja era admirável na beleza e na simplicidade. Meu pai era de lá e minha mãe era aqui do Rio, nasceu na já citada Rua Guimarães Caipora, hoje Bolívar. Minha mãe teve dois filhos: eu e minha irmã mais velha, Lígia Maria, que teve uma bisnetinha. Foi uma coisa que me emocionou. Eu fiz a missa pelos 90 anos dela e batizei o bebezinho que tinha nascido com o nome de Lígia Maria com uma diferença de uma geração. Lígia Maria com 90 anos e Liginha Maria com 90 dias. Hoje ela estava na missa.

Foi em nossa casa na Rua Bolívar que eu tive o primeiro impacto do mistério da morte. Como eu disse, a casa tinha uma escada na frente e dois andares. Embaixo, a sala de visitas, a sala de jantar, dependências, e no segundo andar eram os quartos. E o vovô ia sempre, depois do almoço, para o quarto dos fundos, que era o mais silencioso para fazer uma sestazinha. Um dia eu, ainda garotinho, estava com a vovó atrás da casa onde havia um terreno com frutas, como saputi, abricó, cajá-manga... Aí, eu olhei para a janela, vi o vovô e disse: “Olha lá como está o vovô!” Quando vi aquilo, saí correndo. Vovó, uma pessoa idosa, foi devagar. Eu consegui subir, entrei no quarto e vi vovô... Bateu a cabeça e depois tombou. E quando eu cheguei, ele estava morto. Naquele tempo você falava ao telefone, mas não falava diretamente, você dava o recado para a telefonista, que transmitia, não tinha contato direto com o destinatário. Então vovó mandou dizer que o vovô não estava passando bem, porque ela não queria assustar... E então eu ligava e passava o recado: “Vovó mandou dizer que o vovô não está passando bem”. Assim, depois de ter feito os telefonemas para as quatro filhas, elas foram todas chegando. Eu fiquei sentado na frente da casa que tinha um jardinzinho com uma escada. A primeira a chegar foi tia Iolanda, que perguntou: “Como é que papai está passando?” E eu, com aquela minha ingenuidade, disse: “Ué, ele morreu!” E fui discretamente para um cantinho. Foi aí que eu vi o mistério da morte, o que significava o mistério da morte. Pequenino ainda.

Pouco depois saímos dali e fomos morar numa casa própria, na Rua General Polidoro, em Botafogo. Esta casa tinha uma vantagem: andando um pouquinho pela Rua Dona Mariana, íamos ao Colégio Santo Inácio. Minha mãe, depois da morte do pai, passou por um processo psicológico e voltou para a Igreja, para Deus, sob a orientação de um padre, um grande padre chamado Pe. Lombardi, que viu todo o drama dela e a foi orientando. Durante alguns anos ela teve uma doença infecciosa e vinha diariamente um padre do Santo Inácio trazer a comunhão para ela. Uma vez sentiu-se completamente curada e aquilo foi para ela um milagre. Ela mudou completamente de vida e começou a se dedicar às obras do Colégio Santo Inácio e à catequese. Criou-se nela a idéia de agradecer a Deus por ter superado a morte. Doar tudo o que ela tinha de mais precioso, que era seu filho. Ela então insistiu para que eu fosse então para a Escola Apostólica em Nova Friburgo. Eu me lembro bem que foi no dia 30 de Janeiro de 1930, quando eu era garotinho, tinha 12 anos e nem sonhava com isso. E fui para Friburgo, onde tinha a Escola Apostólica e onde se formavam aqueles que, eventualmente, quisessem entrar no Noviciado para depois fazer a carreira.

Eduardo Raposo: O senhor é de 1918?

Pe. D'Ávila: Sou, sou nato em 1918.

Entrei na Escola Apostólica e naquele tempo o único transporte no Rio era trem, não havia estrada de rodagem, não havia ônibus, era só trem, a Leopoldina. No segundo ano que eu estava lá apareceu um problema e os médicos ficaram preocupados. Doutor Sertan ficou preocupado imaginando que pudesse ser uma apendicite num estado mais grave. Então me puseram no trem com um padre que vinha me acompanhando. Ele avisara a meu pai, que já estava me esperando na estação da Leopoldina com um grande amigo dele que era cirurgião, Fernando Magalhães que, aliás, é nome de rua.

Sônia Giacomini: Seu pai também era médico?

Pe. D'Ávila: Meu pai era médico, clínico. Era colega de Fernando Magalhães, um grande cirurgião. Quando eu cheguei ao colégio Santo Inácio, o Fernando Magalhães me examinou e disse: “Isso é apendicite, tem que internar imediatamente.” E havia ali perto a Casa de Saúde São José, com uma capelinha. Ali, onde hoje é a capela, era um casarão, e na sala de jantar instalaram os equipamentos cirúrgicos. Foi ali que fui operado.

Eduardo Raposo: O seu pai não gostou muito de toda essa situação, não é?

Pe. D'Ávila: Papai não, porque ele era agnóstico. Depois ele foi evoluindo, porque era um homem bom. Mas não era esse o caminho que imaginava para encaminhar o seu filho, o de ser padre. A idéia dele era fazer de seu filho um grande médico, um cientista. Mas, com a influência da mamãe, com a melhora desse mal que a tinha afetado, ela viu naquilo um milagre e a resposta a esse milagre era a doação de seu filho. Aí começou essa trajetória. Fiz Escola Apostólica em Friburgo, que eu chamo o “Château”, o antigo colégio Anchieta onde nós morávamos, éramos quase 300 pessoas ali. Dali passei para o noviciado e fui fazer diversos cursos. Fiz o curso de retórica, que faz parte do código do ensino dos jesuítas, chamado “*Ratios Studiorum*”, que é percorrer gramática, humanidades e retórica. Terminando o curso de retórica era suposto que eu seria enviado ao magistério para fazer experiência do ensino. Acontece que o professor de retórica, o Pe. Cardoso, que era um homem boníssimo, foi feito mestre dos noviços e precisava de alguém pra continuar o curso de retórica. Então ele indicou o meu nome. Eu nem era padre, era pouco mais velho, 4 anos mais velho que meus colegas. Comecei então a dar o curso de retórica. Eu acordava de madrugada cedinho para rever os textos clássicos de Homero.

Sônia Giacomini: Foi o seu primeiro desafio como professor?

Pe. D'Ávila: É. Mas foi um desafio porque meus colegas, que eram quatro abaixo de mim, estavam bem a par de tudo. *Aí* eu escolhi os grandes discursos de Cícero, a *Iliada*, as obras de Homero, as obras de grego e latim, que eram as línguas clássicas. Fui professor e contava que ia ser professor do Colégio Santo Inácio, do Colégio São Luís em São Paulo e conhecer o mundo. Mas eu estava fechado e ali continuei ainda durante mais três anos até 1945 sendo professor de retórica. Chamava os alunos para fazer o discurso, fazer a crítica desse discurso, deste sermão e tudo mais.

Eduardo Raposo: A guerra já repercutia? Já havia notícias da guerra?

Pe. D'Ávila: Era muito filtrado aquilo tudo. Os recursos de comunicação eram escassos na época.

Depois, quando terminou a guerra, em 1945, eu já tinha terminado os três anos de magistério e tinha que fazer o curso de teologia. Acontece que nós tínhamos teologia somente no Sul, na província do Sul, mas eram todos alemães, descendentes de alemães e tinham adotado outros processos didáticos que não eram aceitos na província romana. Então eu fui indicado para uma viagem com dois colegas. Um chamava-se Pe. Bourguet e o outro chamava-se Henrique Cláudio de Lima Barros.

Eduardo Raposo: Ele foi seu amigo a vida inteira.

Pe. D'Ávila: O irmão que nunca tive e que deixou uma obra admirável e de grande pensar filosófico, não tenha dúvida. Numa conversa com outro grande amigo, o Hélio Jaguaribe, eu perguntei se ele leu *Ratzes da modernidade*, do Pe. Barros. Eu mandei para ele um exemplar. Foi o último volume dos oito que ele tinha escrito e tinha publicado até o sexto. *Ratzes da modernidade*” saiu no dia em que ele morreu. Tinha uma lucidez extraordinária.

Sônia Giacomini: Foi uma pessoa com quem o senhor teve um diálogo muito fecundo?

Pe. D'Ávila: Permanente. Minha tristeza foi que ele ficou em Belo Horizonte, na Faculdade de Filosofia dos jesuítas, e eu trabalhava aqui na PUC. Quando ele passou mal, foi para a Casa de Saúde que havia dentro da própria residência. E eu ligava todo dia de manhã. Uma vez perguntei como ele estava e ele respondeu que não estava bem, que houve um pequeno problema que o fez voltar para o hospital. É que o cirurgião, por uma imperícia, tinha lacerado não o tumor, mas a carne. Assim, ele tinha que voltar ao hospital porque estava um pouco machucado. Foi um erro. Naquele mesmo dia, às nove da noite, ele morreu. E era um amigo admirável. Eu estava no meu quartinho e, às nove da noite, tocou o telefone. Era alguém avisando que ele morreu. Perdi o irmão que nunca tive. Era de uma lucidez admirável.

Eduardo Raposo: Em que ano?

Pe. D'Ávila: Isso foi por volta de 1950.

Sônia Giacomini: E quando se deu o seu vínculo com a PUC?

Pe. D'Ávila: Eu tenho a impressão de que foi sugestão de um padre, um grande amigo, o padre Guimarães Lustosa, de uma família conhecida aqui no Rio de Janeiro. Ele tinha sido meu professor no último ano de Filosofia e indicou o meu nome. Eu deveria ser indicado para o estudo das Ciências Sociais e isso foi logo depois da guerra, em 45. Naquele tempo, logo depois da guerra, alguns navios voltaram a atravessar o Atlântico, porque até então os navios alemães torpedeavam tudo. Mas no final de 45 os americanos já tinham controlado aquilo tudo. Inclusive quase que explodimos todos, porque o navio era de uma companhia francesa que ia para um portozinho um pouco ao norte do Atlântico, no meio da costa francesa, mas ali os alemães tinham aquelas bombas flutuantes. Um navio entrando ali bateu e explodiu. Os passageiros pediram, então, para fazer um escala em Lisboa, onde saltamos e fomos para um porto mais ao norte, entre a França e a Inglaterra.

Eduardo Raposo: Le Havre.

Pe. D'Ávila: Tivemos que ir até lá, até o porto de Le Havre. E eu me lembro que o navio vinha cheio de franceses e francesas que voltavam depois de cinco anos em que não se atravessava o Atlântico. Eu me lembro que, quando vinham entrando, os americanos não se incomodavam com eles, mas logo na entrada do Porto havia um grande cartaz com a inscrição “Forboten”, ou seja, “É proibido ancorar”. Os franceses estavam humilhados na sua terra e os americanos não se incomodavam com aquilo. Tinham tomado conta do Le Havre e a guerra alemã já tinha acabado. Saltamos ali e fomos para Paris. Naquele tempo, para entrar na Itália era preciso o visto da Inglaterra, da França, dos Estados Unidos e da União Soviética e, naquela época, a União Soviética não tinha ainda representação no Brasil. Então nós tínhamos que ir até Paris para, na embaixada Soviética, pedir o visto de acesso. Fomos eu e mais dois colegas. Descemos e fomos fazer a travessia para a Itália. Passamos a noite com muito frio, era inverno, dezembro, um frio terrível na estação. Não podíamos sair porque a polícia não conseguia controlar os bandidos. Só no dia seguinte, de manhã cedo, com aquele frio terrível em Milão, que fica bem ao norte, conseguimos saber que o arcebispo tinha três passagens de trem. Nós conseguimos comprar aquelas passagens, tínhamos que fazer uma doação em dólares para a diocese e saímos, Pe. Barros, esse outro colega e eu. Fomos para Roma. Hoje você tem um expresso Milão–Roma, que faz esse percurso em 4 horas e meia. Os alemães foram fugindo da Itália expelidos pelos americanos e inclusive pelos brasileiros que estavam lá. Como é que se chamavam?

Eduardo Raposo: Os Pracinhas.

Pe. D'Ávila: Eles foram para o norte e foram arrebrandando tudo. Nós saímos com as passagens do arcebispo. Saímos de Milão às 6 da manhã de um dia e fomos chegar em Roma às 4 horas da tarde do dia seguinte.

Sônia Giacomini: E foi assim, cruamente, que o senhor entrou em contato com o que tinha sido a guerra?

Pe. D'Ávila: Terrível.

Eduardo Raposo: Essa ainda não era uma fase de estudos sociológicos. Inicialmente o senhor foi estudar teologia?

Pe. D'Ávila: O Padre Lustosa, pela necessidade, pela importância, pela presença e pela gravidade dos problemas sociais no Brasil -- ele tinha se formado, era doutor em direito --, tinha uma visão clara da importância de nos envolvermos no problema social. Então escolhemos diversas universidades. Eles optaram pela Universidade da França, Louvain, que era a parte flamenga. Agora são separados e Louvain fica na Bélgica. Fizemos lá o curso. A professora dava aula em francês e estudávamos flamengo. Para fazer o doutorado, tinha que fazer uma tese. Curiosamente, Louvain foi a terceira experiência do que se chama hoje uma universidade católica. Aliás, na América Latina a primeira foi esta aqui.

Eduardo Raposo: Foi a PUC-Rio.

Pe. D'Ávila: A PUC, na América Latina. Lá a primeira tinha sido em Bologna, a segunda não me lembro onde, e a terceira foi em Louvain, que juntava os povos alemães, irlandeses e franceses. Foi para lá que nos enviaram e, como estava dizendo, tinha que preparar uma tese. Aí eu tomei como tema -- vendo a realidade brasileira e um dos seus temas mais graves -- o problema migratório. Então eu escrevi a tese de doutorado -- tinha um coordenador chamado Le Claire, Jacques Le Claire -- intitulada '*L'imigration comme exil*'. Eu ainda tenho os dados todos. Tive que defender a tese em público, que foi distribuída antes aos membros. Teve a reunião para aprovação.

Eduardo Raposo: Pe. D'Ávila, de certa maneira, foi sua mãe quem escolheu a sua vocação religiosa.

Pe. D'Ávila: Teve uma influência muito grande.

Eduardo Raposo: E a sua vocação sociológica foi indicação da própria Igreja, dos jesuítas. Como é que o senhor lidou com essas escolhas que o senhor próprio não fez?

Sônia Giacomini: O senhor diz no seu livro que foi um impacto para o senhor o estudo dos imigrantes, dos mineiros, italianos. Parece que isso o impressionou muito e daí surgiu realmente uma afinidade muito forte com as ciências sociais.

Pe. D'Ávila: Eu estive com os imigrantes italianos que trabalhavam nas minas de carvão. Como eu já falava italiano fluentemente, podia fazer companhia a eles.

Sônia Giacomini: O senhor era também muito interessado em educação, não é? Parece que teve um momento em que ficou entre a educação e as ciências sociais.

Pe. D'Ávila: O Lustosa estava insistindo nisso, mas nesse momento eu já tinha a idéia das ciências sociais, já tinha tomado essa opção e foi nessa linha que fui a Louvain.

Eduardo Raposo: Em que ano o senhor voltou para o Brasil?

Pe. D'Ávila: Antes teve um curso de Provação, chamado 3ª Provação, e me mandaram para fazer Provação em Florença. Agora eu me lembro bem, era 1950, uma data celebrada. Enviaram muitos colegas jesuítas de outros países para fazer, em 1950, a Provação na Itália. Eram colegas muito simpáticos. Um deles, que ia ser reitor de uma universidade americana, me convidou para ir aos Estados Unidos da América. Era um encanto de pessoa, discutíamos os problemas sociais. Isso foi 1950, quando eu passei o ano inteiro em Florença. Nós tínhamos uma casa modesta, mas naquele ano de 1950, que era o ano jubilar, ocorreram muitas manifestações em Roma. Depois, terminado isso, eu já tinha optado por fazer a parte social. Então eu subi para Louvain e foi lá que fiz o meu doutorado.

Sônia Giacomini: E o senhor se inspirou na Universidade de Louvain para montar o Departamento aqui na PUC? Qual foi a inspiração para aquele aquele instituto que mais tarde virou departamento?

Pe. D'Ávila: Eu estava preocupado com os problemas sociais, eu estudei a imigração como fator para atenuar a gravidade dos problemas sociais. Então foi por causa disso que me enviaram para PUC, para me ocupar dessa temática. A PUC, até aquela época, era uma universidade católica que tinha curso de Filosofia. Tinha o curso de Exegeses. Então teve três cadeiras, três cursos. E eu fiquei espantado, porque era uma universidade católica que não estava voltada para isso. Então, quando cheguei aqui, sugeri a hipótese de criar outros departamentos.

Sônia Giacomini: E tem até hoje o mesmo nome: Departamento de Sociologia e Política.

Pe. D'Ávila: É, voltado para a parte sociológica, vinculada aos problemas econômicos que agravam a situação social. A idéia foi aceita e então eu fundei a Escola de Sociologia e Política.

Sônia Giacomini: Foi inspirada na Escola de Sociologia e Política de São Paulo, não é?

Pe. D'Ávila: É, na de São Paulo. Mas era modesta.

Eduardo Raposo: Mas qual era o cenário de sociologia no Brasil, o que já havia? Tinha a USP. Tinha alguma coisa aqui no Rio de Janeiro já em termos de Ciências Sociais?

Pe. D'Ávila: Eu não me lembro. Havia em São Paulo, na USP, mas aqui não. Então, acho que nesse ponto a PUC inovou quando criou um departamento de pesquisas, que chamava Ciências Políticas e Sociais e na época tinha que ser complementado com economia.

Sônia Giacomini: A economia era junto com a sociologia?

Pe. D'Ávila: Eu entrei em contato com um grande amigo, Isaac Kesernetz, que organizou o Departamento de Economia. Depois ele assumiu direções e tudo mais. Assim se criaram o Departamento de Ciências Sociais e o Departamento de Economia. Muito alunos brilhantes vieram. No livro que escrevi eu me reporto a eles.

Eduardo Raposo: Pe. D'Ávila, quem foram os professores que, aos poucos, o senhor conseguiu atrair para lhe ajudar lá na tarefa do Departamento de Sociologia da PUC?

Pe. D'Ávila: Eu me recordo de alguns.

Eduardo Raposo: O Isaac Kerstnetz foi um.

Pe. D'Ávila: O Isaac foi um. Eu fui convidando pessoas que me indicavam para o setor de Sociologia, Filosofia. O diretor da Faculdade de Filosofia era o Pe. Augusto Bagne e ele indicou certos nomes para colaborar. O Pe. Viveiros de Castro... Eu não tinha nenhuma responsabilidade administrativa, eu era apenas professor. E escrevi um trabalho que teve uma utilidade prática: *Introdução à Sociologia*.

Sônia Giacomini: Ah, claro, tornou-se um clássico.

Pe. D'Ávila: Acho que chegou até a 8ª edição.

Eduardo Raposo: Publicado pela AGIR.

O senhor não só é um jesuíta, mas também um intelectual. Com essa vocação sociológica e tendo criado o Departamento de Sociologia, o senhor acompanhou a evolução da Sociologia, tomou contato com esses sociólogos mais jovens que foram surgindo?

Pe. D'Ávila: Muito, tive contato muito grande com muitos sociólogos. E depois, numa outra circunstância, me elegeram para Academia Brasileira de Letras. Eu me dediquei também a isso e fui me afastando de um envolvimento com a questão social. Muitas vezes recorrem a mim, me consultam. Estou sempre disponível, mas não tenho mais atuação no campo de ação social. Uma coisa que me deixou contente foi ver na PUC uma homenagem a Celso Furtado. Que coisa extraordinária! Na idade em que ele estava, que empenho com os problemas sociais! Essa discriminação social, essa minoria opulenta cercada pela maioria pobre, sofrida. Inclusive nos últimos anos da vida dele, ele entrou também na Academia Brasileira de Letras. Ele foi um apóstolo social muito mais perene do que eu, até pelo prestígio que ele tinha nos meios administrativos. Ele foi realmente uma figura extraordinária. Nos reencontramos no final da vida dele, quando ele entrou para a ABL, e acho que em 2002, quando ele morreu, depois de ter participado da atividade da ABL. Mas era um homem profundamente preocupado com a gravidade da situação social, com os contrastes sociais no Brasil.

Sônia Giacomini: Desde o começo, na origem da Escola de Sociologia, essa vocação para as ciências sociais era pensada como uma vocação dirigida para a transformação do mundo? Como o cientista social achava que ele ia fazer?

Pe. D'Ávila: Achava que devia educar para ser diferente, para acabar com o contraste social. Como uma minoria pode se apropriar de tal maneira dos bens a ponto de deixar a maioria numa situação de penúria? Esse grande contraste foi o que motivou a minha vocação para a ação social. E procurei fazer o que eu podia, criando esse movimento, criando a consciência da responsabilidade social com um número cada vez maior de alunos. Os novos podiam fazer, tomar a iniciativa de assumir cadeiras, continuar a ensinar os problemas sociais.

Eduardo Raposo: O senhor dividia o seu tempo naquela época entre o ensino e a atividade religiosa?

Pe. D'Ávila: Morei na Rua Bambina por trinta anos, onde tinha um centro para a formação de futuros jesuítas. E perto do Colégio Santo Inácio funcionava uma congregação mariana, Nossa Senhora das Vitórias, que me pediram para assumir, porque tinha umas obras sociais.

O geral da Ordem dos Jesuítas chamava-se Pe. Arupi. Ele soube que no Chile os jesuítas haviam criado uma instituição chamada ILADES (Instituto Latino-Americano de Desenvolvimento Social), que era uma instituição de responsabilidade social. Então as dioceses e os órgãos religiosos começaram a enviar alunos para esse instituto. Quando o Pe. Arupi soube disso, ele criou o IBRADES — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Social. E fui nomeado diretor do IBRADES, cargo que ocupei por trinta anos. Voltei depois para a PUC e depois de algum tempo me nomearam para a Academia Brasileira de Letras. E fiquei morando aqui nesse cantinho tão lindo.

Sônia Giacomini: Pe. D'Ávila, o senhor foi influenciado pelas idéias socialistas? Quais são as grandes influências que o senhor teve?

Pe. D'Ávila: Por uma questão acadêmica, eu mantinha distância no sentido inclusive religioso. O marxista nega totalmente a idéia de uma divindade e isso me distanciou, mas não deixava de ver as razões. Marx estava vendo na época dele, na Europa, o que nós estamos vendo agora: esse contraste aqui no Brasil da riqueza e da miséria. Ele viu isso e não tenha dúvida do vigor da proposta dele, mas era uma proposta violenta para levar adiante. Aliás, o Hélio Jaguaribe publicou agora um livro que se reporta a essas grandes correntes do pensamento. Ele não é marxista, mas compreendeu a razão do protesto contra a injustiça social.

Eduardo Raposo: Eu li o livro *Antes de Marx* que o senhor escreveu, mostrando que a Igreja já tinha preocupações sociais anteriores.

Sônia Giacomini: Quer dizer, existiam idéias socialistas no sentido mais amplo.

Eduardo Raposo: O senhor poderia nos falar sobre alguns nomes que também estiveram presentes no Departamento de Sociologia e Política?

Pe. D'Ávila: Manuel Diegues, Artur Neiva... O Diegues era o mais discreto, ele era mais modesto. Esteve lá também o Neima, que era agnóstico, mas tinha uma visão social muito rica. Eu me recordo de uns dois ou três nomes de não jesuítas que colaboraram com o Departamento, como o Isaac Kesternetz na área de Economia.

Eduardo Raposo: Ele foi decano do Centro de Ciências Sociais nos anos 80.

Pe. D'Ávila: Sim, foi.

Nós começamos naquela vilazinha lá, Pe. Viveiros e eu numa daquelas casinhas.

Eduardo Raposo: E voltamos para a Vila dos Diretórios.

O senhor continua esperançoso quanto ao Brasil?

Pe. D'Ávila: Continuo. Acho que o Brasil tem condições de superar as dificuldades. Especialmente esse contraste terrível entre ricos e pobres, que marcou tanto a vida de um homem como Celso Furtado. Isso constitui uma situação de permanente instabilidade social e impede o progresso digno do homem, dos nossos irmãos mais pobres, mais humildes.

Eduardo Raposo: Isso está por ser decifrado sociologicamente, não é? Essa pergunta do Celso Furtado permanece atual.

Pe. D'Ávila: Permanece atual.

Eduardo Raposo: Pe. D'Ávila, queríamos agradecer ao senhor por essa conversa, essa manhã agradável aqui.

Sônia Giacomini: Seu depoimento é importante para nós e para os nossos alunos. Queremos registrar isso para transmitir essa história. O senhor é fundador do Departamento de Sociologia e Política e faz parte da história das ciências sociais.

Pe. D'Ávila: Eu que agradeço a simpatia desse encontro. Que isso contribua para dar aos nossos jovens a consciência de sua responsabilidade social, desse intolerável contraste entre a ambição de poucos e a pobreza de muitos. É terrível procurar no crime, no assalto, a compensação, que a sociedade mesmo não oferece. É terrível ver que crianças de 14, 15 anos, praticam assaltos. Espero que possa haver uma mudança, que se estabeleça a justiça social da forma que Celso Furtado pensou.